

## **DIÁLOGO E ESCUTA: A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA**

*Daiana Paz de Oliveira Silva<sup>1</sup> e Marta Patrícia Beck Werle<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O presente artigo traz as práticas de formação continuada dos profissionais da Educação para Infância, realizadas na Rede Municipal de Educação de Igrejinha, em diálogo com a obra de Paulo Freire. A partir dos ensinamentos do professor, buscamos analisar obras de outros educadores que também conversam com sua proposta. Diante dos estudos freireanos, focamos nossa reflexão nos princípios do diálogo e da escuta na relação com as crianças, com propósito de que os educadores os reconheçam como sujeitos dialógicos, autônomos e protagonistas, nas instituições de Educação Infantil. Desta forma, enfatiza-se a importância de uma educação dialógica, que de acordo com Freire, é essencial desde a primeira infância, despertando nos educadores, através da formação continuada, novos olhares para a infância.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Diálogo; Escuta; Educação; Infância.

### **Introdução**

Nossas reflexões iniciais estão embasadas na legislação atual em relação às práticas nas instituições de Educação Infantil. Cabe considerar que estamos vivendo um momento de grande importância, de construção de novos olhares para a infância nas escolas de Educação Infantil. Começamos a olhar para as crianças, enquanto sujeitos históricos e sociais, que carregam e produzem culturas nos espaços em que convivem.

Questões que já foram apresentadas pelo educador Paulo Freire, há tempos atrás, ainda não são visíveis nas instituições de Educação Infantil. Os processos de escolarização antecipados, práticas de controle e disciplina, ausência de diálogo e escuta para as crianças, ainda são comuns nas relações estabelecidas entre os educadores e os educandos.

---

<sup>1</sup> Daiana Paz de Oliveira Silva é graduada em Normal Superior pelas Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT e cursa Especialização em Coordenação Pedagógica pelo Instituto Superior de Educação de Ivoti – ISEI. É Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil Secretaria de Educação de Igrejinha. sme.daiana@gmail.com

<sup>2</sup> Marta Patrícia Beck Werle é graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA e Especialista em Gestão Educacional: Supervisão e Orientação Educacional pelas Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. É Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil da Secretaria de Educação de Igrejinha. smemarta@gmail.com

Através desta reflexão com a Pedagogia de Paulo Freire, buscamos ampliar as possibilidades de uma pedagogia capaz de respeitar a criança, considerando a individualidade e o tempo de ser criança.

### **Paulo Freire e a Educação para a Infância: um diálogo necessário**

A infância é o período de muitas descobertas, de inúmeras indagações sobre o mundo, a vida, as pessoas. É tempo de legitimar experiências, comprova hipóteses, criar alternativas, interagir com o mundo e as pessoas. Dessa forma, a educação para a infância precisa contar com educadores capacitados, teórico e emocionalmente. Precisam ser seres, sobretudo humanos, que tenham clareza que a criança mesmo muito pequena é um ser social, cultural e de direitos e assim, capaz de construir-se coletivamente, dentro de sua individualidade, na interação com os outros e com o mundo. Pois, de acordo com o Dicionário Paulo Freire:

Esta perspectiva de educação na relação com o mundo e os outros exige consciência do inacabado, o reconhecimento de sermos historicamente condicionados a busca de autonomia, o sentir-se existencialmente solidário, a humildade, a tolerância e a não desistência da luta pelos direitos das crianças. (REDIN, 2010, p. 138)

Para Paulo Freire, a educação nessa fase da vida precisa ser assumida com seriedade, diferenciar-se das relações vividas no seio da família, mas sem deixar de contemplar a alegria de viver. As escolas não devem emparedar, condicionar à atitudes de obediência, que desvalorizam a essência da criança, como se elas fossem seres previsíveis, robotizados, manipuláveis. Freire acredita na educação dialógica que respeita a construção de cada ser, dentro e a partir do seu contexto, respeitando e viabilizando a autonomia da criança. Dessa forma,

O inacabado de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 2015, p. 58)

A educação da infância precisa ser pensada, organizada para não tornar-se improvisada. Os espaços devem contemplar as interações com o meio e as pessoas, a rotina deve organizar, mas não engessar os envolvidos, as aprendizagens devem ser construídas e não instituídas.

Tendo conhecimento e convicção do legado de Paulo Freire sobre a consciência de sermos seres inacabados e que nos constituímos dialogicamente nas relações que estabelecemos, construímos com o grupo docente e pedagógico da Rede Municipal de Educação Infantil de Igrejinha um espaço de diálogo sobre a Educação para a Infância.

Este espaço se constitui em momentos de “rodas de conversa” sobre as necessidades físicas, emocionais e intelectuais das crianças. São trocas dialógicas sobre experiências, crenças e práticas de educadores da infância, numa perspectiva de humanizar o processo educativo nas Escolas de Educação infantil, uma vez que,

Não havia uma fronteira entre minha forma de estar sendo em casa e os meus exercícios na escola. Daí que esta não fosse para mim uma ameaça à minha curiosidade, mas um estímulo a ela. Se o tempo que levaria brincando e buscando, livre, no meu quintal, não era igual ao que vivia na escola, não tinha nele, porém, um oposto que, só em ser pensado, me fizesse mal. (FREIRE, *apud* REDIN, 2010, p. 138)

A partir dessa prática, observa-se que algumas instituições repensaram a educação da infância, modificando a prática enraizada há anos, onde tudo era coletivo. Todos deveriam fazer tudo e ao mesmo tempo, mas no tempo do adulto e não da criança. A educação para a infância era vista como uma necessidade dos adultos e é para eles que a mesma estava organizada.

A oportunidade de dialogar sobre a infância trouxe a possibilidade de fazer diferente. Algumas escolas reorganizaram horários e espaços para que as crianças pudessem se servir durante as refeições, escolhendo o que desejam comer. Passou-se a priorizar o estímulo nas refeições e não a obrigação de comer tudo. Durante a higiene, algumas educadoras já conseguiram individualizar as toalhas para cada criança, bem como criar mecanismos para o não contato das escovas de dente. Além disso, os espaços foram “revisitados” com um olhar sensível para a construção da autonomia, um exemplo disso é disponibilizar os brinquedos na altura das crianças, garantindo a escolha. As rodas de conversa, com real escuta às falas das crianças, tornaram-se práticas diárias das educadoras. Os ambientes externos da escola também estão sendo mais utilizados.

Pensando que os professores, segundo Paulo Freire, também são seres inacabados e se constituem a partir do outro, assim o diálogo sobre a infância, se torna uma ferramenta indispensável para que possamos compreender que a educação percebida “como prática estritamente humana jamais (...) poderá ser uma experiência fria, sem alma, em que os

sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista”. (FREIRE, 2015, p. 142)

### **A pedagogia da Infância: Paulo Freire em encontro com outros educadores**

Experiências vividas entre educadores e crianças, nas quais ambos são considerados atores sociais, garantem uma educação mais humana, e de fato mais próxima de uma verdadeira Pedagogia da Infância. Diante disso, podemos dialogar com outros educadores que também olham para a complexidade da Educação para a Infância.

Parolin (2013), nos convida a pensar sobre um ritual histórico presente na rotina da escola de Educação Infantil, mas impregnado de sentidos, a partir do olhar e da escuta sensível do educador, que olha para a roda de conversa na sua complexidade. “A cumplicidade da roda e a capacidade que ela tem de absorver a todos, que se unem numa mesma intenção, mas que mantém sua identidade, é o que a faz ser, ainda, um ritual, uma forma de encontro ou uma brincadeira tão contagiante”. (p. 19)

Uma roda de conversa permite que a criança tenha voz e vez naquele espaço, sentindo-se parte do grupo, das escolhas e das decisões. Neste encontro nem sempre há presença de fala, pois quando nos referimos especialmente aos bebês, o educador deve compreender diferentes linguagens, onde a comunicação acontece sem palavras, através do olhar, do choro, do balbucio e do riso. Assim podemos perceber que:

As rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito a opinião do outro vão sendo então construídos por meio de trocas que se estabelecem entre educandos e educadores. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas ... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador de um grupo. São também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro. (ZANINI e LEITE apud KONRATH, 2013, p. 28 )

Os encontros de crianças e educadores, de crianças com crianças da mesma idade, de crianças menores com crianças maiores nas instituições de Educação Infantil podem ser nomeados de Círculos de Cultura, de Rodas de Conversa, ou de simples Encontros. O que de fato pode definir as relações construídas e vividas na escola é a concepção que o educador tem de criança. Esta concepção se traduz incessantemente durante o cotidiano, determinando

as práticas do educador e a construção do ambiente. De acordo com Konrath (2013), é “necessário ouvir cada criança, a heterogeneidade de suas formas de agir e reagir, compreender e otimizar cada situação com propostas que a reconhecesse e a valorizasse dentro de seu contexto histórico, social e cultural.” (p. 33)

Quando o educador escuta a criança, possibilita o diálogo entre elas e apoia o protagonismo infantil, ele permite que ela assuma o papel de cidadã, de ator na sociedade. O educador que olha para as suas crianças, que possibilita as escolhas, constrói uma nova concepção de infância. O educador precisa estar aberto para o diálogo com as crianças. Como dizia Paulo Freire (1996) “não posso aprender a ser eu mesma, se não decido nunca”.

Segundo Marques e Jahnke (2011, p. 12) *apud* Konrath (2013, p. 35), “o planejamento deve estar assentado em uma ação interativa e democrática entre adultos e crianças”. Olhar para o planejamento como construção coletiva, é pensar de forma descentralizada do adulto. Não estamos relatando que tudo será proposto pelas crianças, pelo contrário, o professor deve oferecer mais de uma opção para que as crianças possam eleger democraticamente o que é melhor para o grupo, através de uma prática dialógica.

Considerar as produções e expressões das crianças pode ser um indicador importante na idealização de uma pedagogia freireana. Mas para construir tal compreensão, requer que os professores desenvolvam habilidades para escutar e não só falar.

Para o professor Altino José Martins Filho (2006), nós educadores precisamos perceber a escola de Educação Infantil como:

[...] espaço de trocas, lugar de garantia e compromisso com a educação e as culturas da infância, respeitando todas as crianças de zero a seis anos, meninos e meninas, que precisam desfrutar de uma infância alegre, lúdica, digna, com muitas oportunidades, expressões, cantos, movimentos, criatividade, [...] (FILHO, 2006, p. 37)

Muitos outros educadores poderiam conversar com a Pedagogia de Paulo Freire, apontando o compromisso que temos com os meninos e meninas que chegam cada vez mais cedo nos espaços educativos. Porém decidimos citar aqueles que estiveram ao longo do ano participando nos momentos de formação continuada com os educadores da Rede Municipal

de Educação Infantil de Igrejinha. Aqueles que nos provocaram a pensar sobre as nossas práticas, e que nos possibilitaram o diálogo entre a teoria e a prática.

### **Rodas de Conversa: uma práxis reflexiva**

O diálogo proporciona a construção ou reconstrução de conhecimento. A interação com diferentes e/ou divergentes formas de pensar e agir possibilita que possamos refletir sobre nossos pensamentos/palavras e ações. A partir da socialização de diferentes práticas somos provocados a uma transformação.

As rodas de conversa, também intituladas por Paulo Freire: “Círculos de Cultura”, proporcionam momentos de fala e de escuta. Ao escutar o outro, colocamo-nos no lugar de sujeitos aprendentes. Temos a possibilidade de exercitar o pensar certo defendido por Freire, ou seja, dialogar entre a prática e a teoria. Ao ouvir o outro, não nos anulamos e nem mesmo nos tornamos concordantes totais daquela fala, pois o ouvir nos proporciona colocarmo-nos no lugar do outro, a partir do seu contexto e com isso, dialogar com as diferentes experiências. Assim, construindo de forma dialética, um novo ou enriquecido conhecimento.

Práxis, segundo Paulo Freire, pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora. (Rossato, 2010, p. 325)

A reflexão sobre a prática, que segundo Freire é o confronto da teoria com a ação, se torna também possibilitadora de novos olhares para todos os sujeitos envolvidos no processo. Pois, se acreditamos que as crianças são sujeitos ativos de suas aprendizagens, capazes e autônomos de escolhas, mas não “conseguimos” ouvi-los, estamos sendo incoerentes.

Dessa forma, as rodas de conversa com as crianças também são uma reflexão sobre a prática, sobre o dia a dia da infância e/ou da instituição de educação, pois as mesmas também precisam ser ouvidas. Mas não basta ouvi-las, precisamos dialogar com elas e levar em consideração suas colocações, pois afinal

Se as instituições educativas fossem pensadas e construídas a partir da ótica das crianças, talvez também pudéssemos ladrilhar nossos caminhos com mais brilho e cor e teríamos a oportunidade de conviver em ambientes mais alegres e criativos, menos previsíveis e menos padronizados. (KONRATH, 2013, p. 40).

Nessa perspectiva, pensou-se as formações para as equipes docentes das escolas de educação infantil do município. Entre elas, o XIII Seminário Municipal de Educação Infantil, intitulado Rodas de Conversa – um olhar sensível para a INFÂNCIA. A construção de conhecimento se deu dentro de uma perspectiva freireana, onde palestrantes/mediadores dialogavam com os participantes, compartilhando práticas e teorias. Dessa forma, “A alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver.[...] Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança do mundo” (FREIRE, 1993 p. 2). Aos pais também foi proporcionado um momento de participação. Eles puderam falar sobre suas vivências e ouvir possibilidades de desenvolvimento infantil a partir de diferentes atuações adultocêntricas. A organização do ambiente, em meio círculos, também provocava o olhar/ouvir o outro. Assim, valorizamos todos os conhecimentos, viabilizando grandes círculos de cultura, numa perspectiva de rodas de conversa, onde o sujeito dialeticamente, constitui-se em um ser histórico, cultural e social.

Oportunizando a reflexão sobre a prática podemos fazer o que Freire diz: que a nossa prática precisa ser tão coesa com a teoria que não percebamos diferença entre elas.

### **Considerações finais**

Através do diálogo, numa reflexão entre teoria e prática, nos questionamos sobre o direito de viver uma infância feliz na escola, é a vida que acontece na escola. Será que de fato nós conseguimos garantir uma Pedagogia para uma infância feliz? Precisamos melhorar a vida da criança na escola. A escola precisa cuidar da criança enquanto pessoa. Ela precisa ser acolhida todos os dias com amorosidade, empatia e sensibilidade. A criança precisa interagir com os elementos da natureza, brincar em diferentes espaços, ser reconhecida nas suas descobertas: criando, inventando, imaginando, expressando-se e construindo hipóteses. Aos educadores da infância, cabe o compromisso de lutar por práticas mais humanas, abolindo as práticas que não consideram a criança enquanto sujeito social, cultural e histórico, garantindo a ela, o direito de ser protagonista do seu próprio desenvolvimento.

Dessa forma, formaremos um ser integral, pois

“  
A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo. Nesse caso, falar a, que na perspectiva democrática é um possível momento do falar com, nem se quer é ensaiado. (...) por isso mesmo a intenção de sua democratização no falar com. (FREIRE, 2015, p. 113)

Acreditando que a interação para o desenvolvimento das crianças de uma forma lúdica e prazerosa, assim como a educação de crianças tão pequenas exige, numa perspectiva de contemplar as minúcias da infância, demanda um olhar e uma prática sensível do educador. Pois, o diálogo entendido como a interação entre a fala e a escuta, na educação infantil, precisa ser sensivelmente compreendida e interpretada para contemplar também as crianças que se comunicam ainda por gestos. Para isso, um caminho possível é a formação dialógica, onde cada educador tem a possibilidade de, a partir do outro, reavaliar sua prática e torná-la mais eficaz na contemplação de uma infância feliz, através de uma Pedagogia Freireana.

### Referências Bibliográficas

- FILHO, Altino José Martins (org). **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FREIRE, Paulo. Prefácio. In: SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- KONRATH, Raquel Dilly (org). **Roda de Conversa na e da Educação Infantil**: São Leopoldo: Oikos, 2013.
- STRECK, Danilo R.; Euclides Redin; Jaime José Zitkoski (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ZITKOSKI, José Jaime. **Paulo Freire & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.